

NOTAS PARA UM CORPO FUGITIVO E PARA UMA PRESSA EM ANDAMENTO

Clébson Francisco 1

“Senti nascer em mim lâminas de aço”. Frantz Fanon



Fuga e desaparecimento n.2

Clébson Francisco, 2020

Pintura digital s/ arquivo colonial, 1,75x1m.

Impresso em fine art, moldura em madeira.

Escrever como quem absorve o calor da chuva para poupar o tempo. Escrever não só para imaginar um amanhã, mas para compreender o presente-agora para além das estruturas lineares das convenções cronológicas que estruturaram o tempo antes mesmo de estarmos aqui na Terra. Caminhar sem estacionar na apatia ou na dor, sem fixasse nos processos de paralisação que o pessimismo-morto nos coloca, e muito menos acreditar que a esperança é suficiente para nos manter de pé a cada dia acordado. A paz é uma ficção, algo criado para distrair corpos adoecidos e mentes cansadas, paz é uma utopia branca, alva e clara, que nos desvia, que interfere nos nossos processos de busca por uma vida em abundância. Talvez a paz não nos caiba mais, talvez haja algo próximo a ela, oposta a ela, disruptiva a ela, em que seja possível usar como ponto a se alcançar. Entretanto, custa perguntar: seria suficiente mirar um alvo e agir somente para chegar até lá como um *fim*? A chegada em si é suficiente e dá conta desse percurso?

Substituir então a paz por algo menos inalcançável. Mas, lembre-se, esse *outro lugar*

não pode ocupar o mesmo lugar de *solução* que a *paz* ocupava anteriormente. Se faz necessário agir como quem não espera a linha de chegada, muito menos como quem quer competir para colher os resíduos que caíram pelo caminho das mãos de quem pode correr mais rápido, de quem largou antes de todo mundo, de quem no fundo nem corre mais rápido, apenas tem condições de andar quilômetros a nossa frente sem cansar. É muito mais sobre abrir outros caminhos em lugares impossíveis, mesmo que turvos, mesmo que íngremes, mesmo que cause calos nos pés, para que esses lugares impossíveis possam ser moradas – mesmo que temporárias – de nossos corpos. A busca nunca deve ser sobre *chegar*, esperar a chegada, ou a salvação, mas sim, sobre como habitar a infinitude do tempo. A faculdade de especular, vinda como fruto da habilidade de imaginar, é algo que pode até parecer inalcançável, mas é justamente por *aparentar* ser inalcançável que ela deve ser buscada, efetuada, e deixar que ela opere ativamente.

A escrita que aqui se inscreve não é um manual de instruções para melhor compreender um corpo fugitivo, suas práticas, seus dispositivos ou suas ferramentas. Essa escrita é desenhada como um mapa invisível, formada por notas rasuradas entre a pressa e a calma, com o objetivo principal de poder imaginar a fuga como um território de vida. A ficção não é necessariamente algo inventado e não opera nos limites da verdade e/ou da razão, essa escrita, portanto, não atua no campo da métrica, da exatidão teórica ou mesmo da linearidade dos processos de comunicação e de produção de conhecimento. Por fim, o que se pretende aqui é fabular uma escrita infinita, entre números ímpares, para assim, viver entre a pressa e a calma, entre a fuga e a construção de um lar, entre o hoje e o agora.

1. Linha branca, tecido preto

Linha branca de algodão sobre tecido preto também de algodão escreve palavra escrita para fabular uma bandeira. **Pausa.** O *sobre* não é necessariamente sinônimo de *por cima*, *em cima de*, como diz a gramática, é um *sobre* entrelaçado, que foi sendo costurado atravessando de um lado para outro da superfície, criando assim um lado da *frente* e o lado de *trás*, das costas, entre o que é visto pela *frente*, e o que não é visto pelo *detrás*. Interessa aqui mostrar aquilo que não está aos olhos de todos, como uma ferida profunda que deixou/a marcas ocultas. O que é visto é uma manipulação do real e o real é uma *ficção*. O que não vemos é justamente o resultado disso tudo, o que está nas costas da superfície é a ferida escondida, são os poros dos buracos da agulha temporal, o que é repellido e expurgado pela suposta perfeição do lado da frente. Do lado de cá, dessa fronteira, em que atuamos como sentinelas, rasgamos as bandeiras para romper categorizações, riscar as superfícies e concretizar nós mesmos como **territórios**.

3. Acúmulo e aceleração

Entre o visto e o não visto, visível e invisível, opaco, fosco, leitoso, perguntamos o que está oculto pelos processos de arquivamento da memória, como a constituição dos arquivos oficiais, institucionais ou familiares. Perguntamos como garantir no arquivo a existência de corpos não-normativos, não-brancos, não-hegemônicos, se eles tiveram suas existências apagadas pelo próprio lugar-arquivo, e tiveram suas temporalidades anuladas pela cronologia colonial. Naquele dia cai duas vezes, duas vezes seguidas. Abri o peito e instalei o aparelho para medir a dilatação, como se fosse suficiente para ajudar no funcionamento de meu pulmão, _____ . Me dizem, em sussurro, é só a pressa pela fuga, em aceleração constante. Mesmo que o corpo esteja estacionado num espaço limitado há ainda velocidade o suficiente para a caminhada, é só a pressa pela fuga, uma aceleração que não nunca pode ser barrada, que nunca será compreendida. _____

_____ pois a **fuga** é uma plataforma de existência. Pressa não é querer chegar lá na frente, pulando etapas, nem muito menos uma barreira para o instante agora, pressa é uma aceleração **constante**.

5. Memórias que se diluem no barro

Esse tecido negro que rege esse tempo é como um tecido negro invisível. A grande questão instaurada aqui é fazer com que a memória não se perca. O que cobre a noite e o dia, e o que há entre cada fração de matéria é esse tecido invisível que nos cobre mesmo que estejamos em desatenção, esse tecido que nos puxa e nos cuida, que nos rege. O tempo não passa, não, a gente é que passa, que nos movemos entre os tecidos. O tempo é, está, nem é fixo nem móvel, o tempo simplesmente **está**. O tempo é presença, é movimento, é correnteza, e todos os sinônimos que a gente for colocar e criar significados, porém, nenhum conseguirá definir com exatidão mesmo com as suas infinitas tentativas. Tempo é tempo. Para imaginar um futuro é preciso destruir o passado? O passado é sempre algo estático? O presente está condicionado a ser uma eterna negociação dos escombros do passado? Tempo não é categoria de separabilidade entre estados temporais cronológicos, de estrutura enrijecidas, solidificadas pelo pensamento do sujeito, ou do poder **monumental**.

7. Habitar um terreno que não nos cabe mais

Quanto tempo a gente perde tentando habitar um terreno que não nos cabe mais, que não nos oferece nutrientes o bastante para estar em vida e nem oxigênio o suficiente para respirar? Abandonar o que já nos abandonou a muito, abandonar aquilo que não esteve aqui em presença-movimento, abandonar o que nos paralisa e caminhar como quem corre da tempestade e do furacão. Abandonar quem chegou, mas que não permaneceu, entretanto, não exigir presenças infinitas. Compreender as complexidades e os paradoxos. Correr em silêncio. Gritar em soluços. Olhar de olhos fechados. Não contar as horas. Não medir presenças. Viver para além da geografia limitada pela colonialidade. Viver para além da geografia limitada pela colonialidade e seus sistemas de precarização, bloqueios e barreiras. Especular um mundo para além das fronteiras impostas e agir como quem corre com o peito em fúria. Viver para além da geografia limitada pela **colonialidade**.

9. Anotações sobre escrever em linhas sinuosas

Quero partir do lugar onde não habito, aonde ainda não cheguei, e onde meus pés já estão postos antes mesmo de eu chegar a saber. Não quero partir do título, do que nomeia, do que antecede. Quando nos faltam palavras é um problema de linguagem ou uma dificuldade de tradução entre os estados de percepção e de comunicação? Quero partir do amanhã para o hoje, riscar no chão com peixeira de dragão, abrir fendas no mar e não adiar nunca mais uma fuga impossível. Quando se adia algo, o que se faz com esse tempo que sobrou, com essa lacuna que se fincou no espaço? Uma fuga nunca pode ser **adiada**.

11. Não abrir mão de uma repetição

Pressa e calma não são opostas entre si, elas ocupam o espaço do mesmo corpo, não se opondo em temporalidades. Pressa é corpo em aceleração, calma não é ausência de velocidade, nem muito menos lentidão. Abolir de nossos corpos o *passado*, o *presente* e o *futuro*. Abolir de nossas vidas o trator que passar por cima da caminhada e assumir as mãos ligeiras e práticas que realiza a colheita. O tempo é o que media todas as **relações**.

13. Abrir uma fenda e nela produzir um arquivo

Para quem quer dismantelar o monumento, não interessam mais os tijolos, eles já não servem mais e o cativo da precariedade não sustenta. Resiliência não é suficiente para se manter vivo, a reinvenção e a resignificação são incapazes de concretizar transformação, são percepções limitadas. Toda tentativa de uniformizar nossas práticas é também uma tentativa de querer anular nossas experiências de vida ativa. Anular nossas práticas é querer impor uma morte. A memória não pode ser instrumento somente dos **coloniais**.

15. Invocar uma presença coletiva inevitável

Não é porque eles não olham para o lado de cá da fronteira que automaticamente nos tornamos invisíveis, mas porque eles criaram um muro de vidro claro e asséptico para onde não precisam olhar acima da cerca. Mesmo que esteja em desatenção ou na iminência de perder o mínimo de comunicação entre meus pares e qualquer ser ao meu redor – a própria consciência dessa incomunicação é tentativa de ver com outros olhos – ainda há algo com o que se conectar. Escolher quem vamos ouvir é uma opção legítima, mas também pode ser uma armadilha. Escolher para quem partilhar do mundo, mas permitir que o improvável também aconteça, e também permitir as idas, as fugas, os ‘vou embora’, os ‘não quero falar’, e tantos outros possam existir. Fuga é um dispositivo de existência ativa. Invocar essa presença inevitável de uma coletividade que não pode ser ignorada. Desesquecer é retomar memórias perdidas, e reintegrar os nossos olhares furtivos e sinceros talvez seja um caminho *saudável* a se ter daqui para o **adiante**.

17. Existe um buraco e eu vou quebrar o buraco

Entre as normas da catalogação e do arquivamento, *esses/nossos* corpos que se expandem para além do que é requisitado como obrigatoriedade para poder adentrar os acervos e os arquivos, *esses/nossos* corpos que se abrem como uma fenda temporal e que se lançam como especulação de um imaginário possível. Pensar nas rotas de fuga, nos mecanismos agenciados para se construir uma permanência, um esconderijo, um agir na escuridão da noite, enxergar no breu, no clarão do dia. A fuga – no *agora/presente* – enquanto uma plataforma de existência para corpos fugitivos, operando uma pressa em andamento, enganando, engabelando, desviando das flechas, das balas, dos chicotes. Em acúmulo e aceleração. Em rompimento com a colonialidade que apaga os rastros da memória, só me resta agir como colheita de fragmentos para construir um novo tecido temporal imaginativo que possa dar conta de um outro mundo possível. Colher os fragmentos e construir um outro arquivo. Um outro mundo **possível**.

19. A captura se configura como o fim?

O momento *exa(us)to* que antecede a captura é o momento em que a fuga *existe*, que surge como uma faísca, é o momento em que é possível tornar-se redemoinho, e desaparecer. É o gesto do desaparecimento que é operado neste instante. Quando te/me quiserem totem, seja/serei fantasma, seja/serei o que não habita expectativas. No fim das contas, recuar também é correr contra a captura, recuar é abrir uma fenda incontornável. Para que vendo e não se esqueça, para que ouvindo não se cale, para que falando em sussurro não caia **nunca mais**.

[∞] Espaço infinito, ou, encontrar-se na quina

Aposto comigo mesmo as incontáveis anotações, infinitas anotações, incompletas anotações, para executar uma fuga que não tem **fim**.

Recebido em 6 de outubro de 2020.

Aceito em 15 de outubro de 2020.